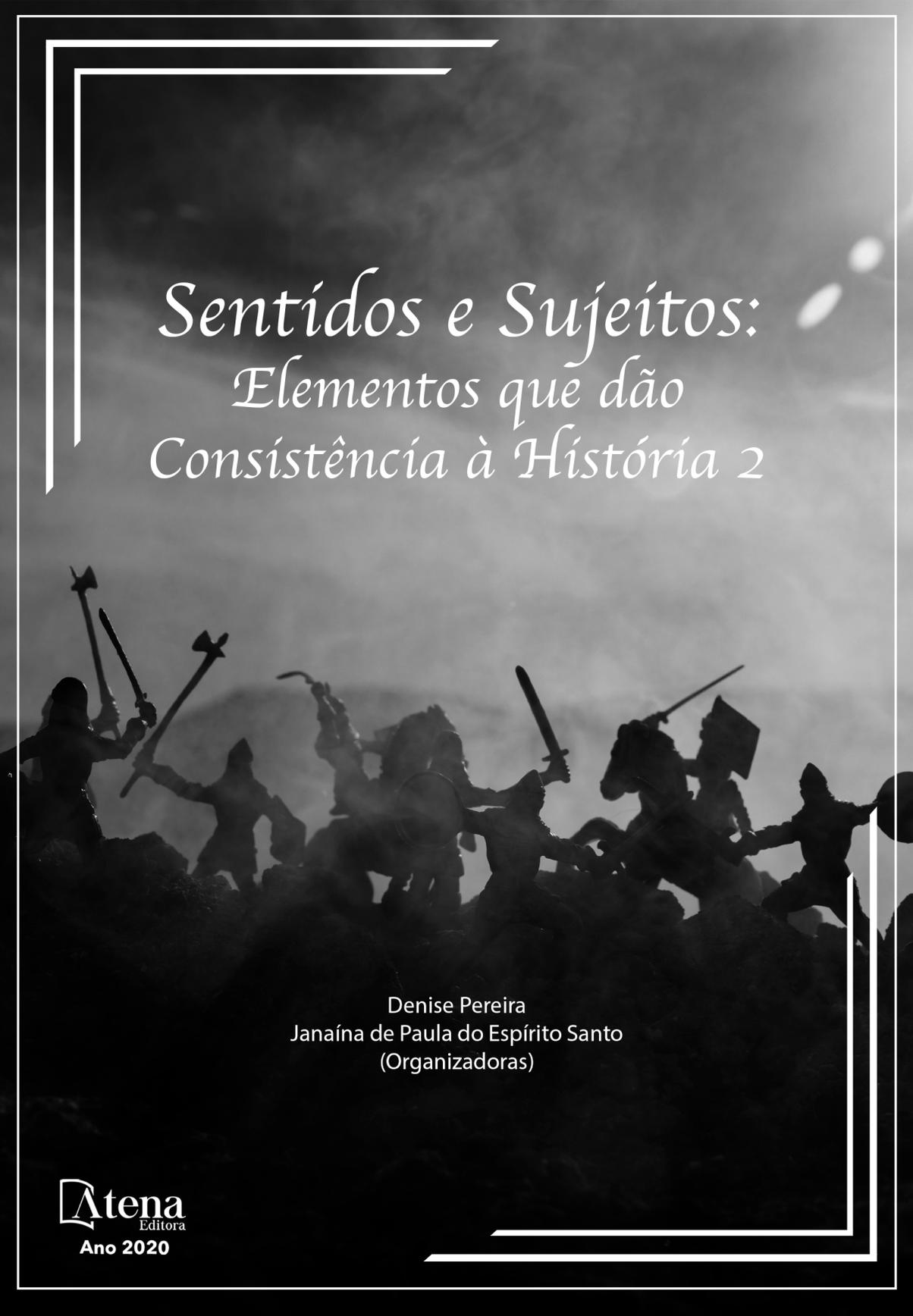


The background of the cover features a dramatic sunset or sunrise scene. The sky is a mix of orange, yellow, and light blue, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible against the bright light. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons, including swords, spears, and axes, in various poses as if engaged in a battle or a march. The overall mood is historical and epic.

*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE	
Marlon Jose Gavlik Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.5082011121	
CAPÍTULO 2	13
A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA	
Renata Reis de Lima	
Jenucy Espíndula Brasileiro	
DOI 10.22533/at.ed.5082011122	
CAPÍTULO 3	23
A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO	
Felipe Varzea Lott de Moraes Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5082011123	
CAPÍTULO 4	33
EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880	
Lidia G. Sandoval Rivas	
Luis Herrera Terrazas	
DOI 10.22533/at.ed.5082011124	
CAPÍTULO 5	44
A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA	
Nadine Borges	
Wilson Madeira Filho	
Ana Motta Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.5082011125	
CAPÍTULO 6	58
A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE	
Gabriela de Sousa Vieira	
Miriam Ferreira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5082011126	
CAPÍTULO 7	68
AS MARAVILHAS EM <i>EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)</i>	
Jorge Luiz Voloski	
Sofia Alves Cândido da Silva	
Lucas Vieira dos Santos	

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 05/11/2020

Adna Gomes Oliveira

Universidade Salgado de Oliveira
Niterói- RJ

<http://lattes.cnpq.br/3157623743495698>

O artigo originado a partir da pesquisa em desenvolvimento no curso de Doutorado no PPH-Universo, foi apresentado primeiramente na disciplina História pública, linguagem e cultura digital na pesquisa e docência em História, oferecido pela Prof. Dra. Vivian Zampa, apresentado também no evento: 2º Encontro Internacional História e Parceria.

RESUMO: O presente artigo apresenta uma discussão prévia do projeto de pesquisa, “De Morgado de Belém à cidade de Japeri, RJ: o movimento emancipacionista pelas vozes de seus habitantes de 1989 a 1993”, a partir da perspectiva da história pública. Para tanto como metodologia de estudo foram mobilizados aportes conceituais-teóricos e metodológicos sobre fonte oral, memória, história local, identidade e tempo, dialogando com a abordagem da micro-história. Objetivando analisar a atuação do historiador diante dessa interface historiográfica, entendendo que se podem visualizar as dimensões possíveis através da observação das discussões sobre o lugar da história pública.

PALAVRAS-CHAVE: História local, Memória, História Pública.

EMANCIPATIONIST MOVEMENT IN THE 1980S, MEMORY AND IDENTITY, THE RECONSTRUCTION OF THE PAST IN THE VOICES OF THE JAPERIENSE COMMUNITY AS A PUBLIC HISTORY

ABSTRACT: This article presents a previous discussion of the research project, “From Morgado de Belém to the city of Japeri, RJ: the emancipationist movement through the voices of its inhabitants from 1989 to 1993”, from the perspective of public history. For both as a study methodology, conceptual-theoretical and methodological contributions about oral source, memory, local history, identity and time were mobilized, dialoguing with the microhistory approach. Intending to analyze the historian’s performance in the face of this historiographic interface, understanding that the possible dimensions can be visualized through the observation of discussions about the place of public history.

KEYWORD: Local history, memory, Public History.

1 | INTRODUÇÃO

A interface oral e história dos movimentos sociais apresentam aspectos dos debates sobre as dimensões dos públicos na história. As práticas de história pública são expressas nas construções dialógicas da memória social – produzidas e difundidas entre os saberes acadêmicos e não acadêmicos (ALMEIDA, 2016, p. 7).

Pensando no objeto desta pesquisa e visualizando as dimensões que podem alcançar ao observar as discussões sobre o lugar da história pública, vejo que trazer ao conhecimento, a história dos sujeitos e dos lugares comuns, precisamente, necessita-se do lugar de fala desses sujeitos para a disciplina de História. E a possibilidade de se fazer presente e a sua divulgação se dá perfeitamente no enquadramento da história pública.

Assim, propõe-se neste trabalho localizar de onde os sujeitos falam, pensando nos conceitos e métodos historiográficos. Tais sujeitos, que de alguma forma, se encontram nas margens da História¹, que muitas vezes privilegia a investigação dos grandes acontecimentos e de seus agentes. Nessa perspectiva, empreenderemos uma discussão da possibilidade de fazer uma pesquisa histórica, que prevê a construção de um acervo de narrativas utilizando os seus próprios atores coletivos, com o auxílio da história oral.

Sendo assim, inicialmente, buscaremos contextualizar nosso objeto de estudo, a fim do entendimento do evento em si. Em 1980, no Brasil, em detrimento da abertura política e a nova Constituição de 1988, após um longo período do regime da ditadura militar de 1964 a 1982, cria-se um cenário favorável às manifestações sociais e políticas. Nesse bojo, surgem lideranças locais, que aproveitam esse contexto, para além da visão de status de poder, reivindicar melhorias básicas às suas localidades, respaldadas pela construção do novo arranjo político administrativo brasileiro.

De acordo com Tomio (2002) esse novo arranjo institucional político-administrativo, a partir de então passa a permitir maior autonomia, de forma plena aos municípios, dando-lhes a elevação de status de ente federativo com prerrogativas “invioláveis por qualquer nível mais abrangente de governo” (TOMIO, 2002, p. 1). Com isso abre-se o leque de oportunidades àqueles distritos, que insatisfeitos com os seus governos municipais, põem em prática projetos de emancipação político-administrativa, a fim de instituir um novo município pleno e autônomo.

A partir disto, em diversas localidades do Estado do Rio de Janeiro as emancipações constituíram um fenômeno que foi apropriado pela cultura política dos diversos grupos políticos e seus matizes ideológicos, que associou democratização à descentralização de poder (TOMIO, 2002). Termos estes que foram tratados como sinônimos e veio na esteira

1. Quando nos referimos a esse termo pensamos no modo inverso da perspectiva a historiográfica tradicional que busca dar lugar ao poder dominante, do poder central, dos grandes acontecimentos como: a formação dos estados nacionais, os regimes políticos, a economia, e tudo enfim. No entanto após o advento da Escola dos Annales, a Historiografia amplia a perspectiva, visando outros aspectos da sociedade como um todo.

dessa associação, o que muitos estudiosos da Ciência Política, Ciências Sociais e da Geopolítica chamam de “fragmentação” dos municípios.

Nesse contexto, especialmente, na Baixada Fluminense-RJ ocorreu uma onda de emancipações que culminou com a autonomia de muitos distritos pertencentes ao município de Nova Iguaçu. As lideranças, dos então distritos de Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita, com demandas sociais e políticas, emergidas de associações de bairros e de órgãos de poder público do município de origem, imbuídos de forte identidade local, se mobilizaram para a criação de municípios. Além disso, havia ainda inquietações relativas ao sentimento de não pertencimento a cidade de Nova Iguaçu, pois de modo geral, não se sentiam representados pelo poder público².

2 | JAPERI E O MOVIMENTO PELA EMANCIPAÇÃO

Com um panorama muito breve, retratamos o contexto daquele evento, mas queremos destacar, especificamente, o processo do atual município de Japeri, que outrora distrito, também ensejou sua autonomia político-administrativa³. Em 1991, sob a liderança de grupos sociais e político, reunidos em campanha de conscientização popular, reivindicaram a sua autonomia sobre a cidade de Nova Iguaçu. O movimento pró-emancipação política inicia pela insatisfação dos habitantes japerienses, por entenderem que a localidade permanecia abandonada pelos governos de Nova Iguaçu. Inicia também pela mobilização de agentes públicos e privados, em torno de ideais que possam ser contrastantes à situação vivida pela comunidade, no seu contexto e perante a cidade gestora, mas o que parecia prevalecer era a oportunidade vista por tal liderança em torno da ideia da separação da cidade.

O interesse maior da ideia de separação está, sobretudo, ancorado no desejo de desenvolvimento econômico e social local, por isso, o conjunto de liderança encontra-se tendo em comum tal aspecto. Podendo destacar tanto comerciantes, profissionais liberais, professores e agentes públicos, todos reunidos em torno do crescimento da localidade. Sendo assim, interessavam concentrar mais o comércio na região, visto que a maioria da população se deslocava para ir ao polo comercial de Nova Iguaçu, principalmente, mas também à outras regiões como, Duque de Caxias e Queimados, além de se deslocar também para outros tipos de serviços, deixando de gerar receitas fiscais ao então distrito.

2. Esse debate pode ser visto na tese de doutoramento de Manoel Ricardo Simões (2006), na qual ele faz uma análise geopolítica das emancipações dos distritos da Baixada Fluminense. Costa (2014) recentemente fez uma pesquisa de mestrado sobre a emancipação de Queimados também.

3. Esse estudo parte do princípio de que não há ainda produções sobre o evento, neste caso, ainda no início, planejamos a partir da história oral estabelecer uma metodologia de trabalho e produção de acervo documental, que possa dar voz ao dito acontecimento, e assim fazer conhecido o processo de emancipação de Japeri.

3 | HISTÓRIA LOCAL: UMA ABORDAGEM DE HISTÓRIA ORAL E DA MICRO-HISTÓRIA

Como o movimento pela emancipação político-administrativa do então distrito de Japeri ocorreu numa localidade pequena, conduz a compreensão de que se trata de um evento produzido por sujeitos das manifestações sociais, emergidos como pequenos líderes locais, da “história vista de baixo” (BARROS, 2004, p. 23), além da classificação de história recente. Assim, acreditamos que o procedimento da história oral irá contemplar nosso estudo. Além de pensarmos em fazer público pelos próprios atores, que até então, não registraram de modo analítico aquele acontecimento histórico.

No projeto de investigação apoiado em aportes teóricos e metodológicos da História, verificamos que nosso objeto possui articulação dialógica, interconexa com mais de uma modalidade no campo da história. José Barros D’ Assunção (2004) captura os campos da história, no qual põe o historiador a analisar sua produção historiográfica e a situar-se, diante de diversas possibilidades de temas de investigação, que muitas vezes estão inseridos em mais de uma modalidade de estudo na história.

Barros (2014) ao apontar os vários campos da história divide-os em três: dimensão, abordagem e domínios, e dentre esses três, o que mais abarca uma infinidade de temas de estudos se refere ao dos domínios. Pois, são “divisões intermináveis” onde acolhe “áreas de concentração em torno de certa temática e objetos possíveis” (BARROS, 2004, p. 17-18).

Nessa perspectiva o autor propõe aos que se comprometem com a investigação histórica, que reconheça antes de tudo, o campo de investigação ou da combinação de campos em que se insere um estudo, para não se manter paralisado num só, como faz alguns. Por exemplo, historiadores econômicos e outros. Barros (2014) também aconselha que o historiador tenha cuidado para que essa paralisação não sirva de pretextos a omissões. Mas, sim ao “definir o ambiente intra-disciplinar em que florescerá a pesquisa ou na qual se consolidará uma atuação historiográfica, deve ser encarada como um esforço de autoconhecimento [...]” (BARROS, 2004, p. 23).

A partir da lógica de Barros (2004) podemos associar nosso objeto de estudo inserido no enfoque teórico da história social, pois se refere ao modo de como projetar o objeto. Já na discussão relativo à abordagem, se fará através da história oral e da micro-história, a ênfase é ao tratamento da fonte de pesquisa, diz respeito ao modo como fazer a investigação – a metodologia. E por fim, a divisão do campo dos domínios que está inscrito na história das representações e movimentos sociais.

Nessa perspectiva, pensando a história oral e nos movimentos sociais, observamos que tal abordagem e domínio apresentam aspectos das discussões no âmbito da história pública. Almeida (2016) menciona que, “no horizonte dos saberes dos movimentos sociais e da história oral as práticas da história pública são evidenciadas nas interpretações

dialógicas desse conhecimento histórico, produzido e difundido” (ALMEIDA, 2016, p. 47). Nesse sentido, a produção do conhecimento ocorrido no bojo dos movimentos sociais, expressa a participação histórica dos sujeitos no plano da história pública.

Almeida (2016) faz uma associação entre a história oral e história pública ao reconhecer que ambas dialogam nos espaços entre a academia e os movimentos sociais. Sua metodologia de análise parte do dimensionamento dos procedimentos da história oral e do papel social da história, a dinâmica dos debates públicos no interior dos movimentos sociais e os interesses, com vistas à promoção de políticas públicas.

A opção pela coleta de fonte no exercício do fazer história, a consulta nos acervos de história oral, no qual contém entrevistas de lideranças e integrante de movimentos sociais, se dá a partir do mapeamento e através da trajetória de vida. Bem como dos estudos temáticos, das representações e das práticas desses “sujeitos coletivos referentes ao trabalho de base, aos debates partidários, a organização interna e as estratégias de ações” (ALMEIDA, 2016, p. 47).

Thompson (1992) afirma que as pessoas comuns buscam compreender os eventos sociais, transformações e enfim, através da história, e a história social aceita o desafio de relacionar-se em parte com essa finalidade importante da história. Nesse sentido, “quando não existe história alguma disponível, ela é criada” (THOMPSON, 1992, p. 21). Desse modo, a História Oral ampara essas pessoas comuns e eventos, que não estão nos grandes manuais da “História vista de cima”, do mundo, dos grandes acontecimentos e seus atores.

Bloch (2002) durante a sua reflexão sobre o ofício do historiador, menciona sobre a captação do relato presente e a sua observação histórica, ao utilizar os relatos do presente, quase sempre um instrumento que amplia um pouco o campo de visão do observador. O autor já reconhecia, mas sem nomear, o valor da metodologia da história oral e a funcionalidade da história pública, ao afirmar ser um “explorador da crista da atualidade, ponho-me a sondar a opinião pública sobre os grandes problemas do momento; faço perguntas; anoto; confronto, recenseio respostas”(BLOCH, 2002, p. 70). Assim como relata Almeida (2016, p. 49), ao dar lugar a fala dos sujeitos, que promovem o movimento social, ao ampliar o campo de visão do observador histórico, na prática da história oral, fazendo as perguntas ao acervo oral.

Bloch (2002) expõe a questão sobre o conteúdo fornecido da fonte oral – dos seus interlocutores, que podem não ter uma capacidade de expressar a imagem que formam daquilo que acreditam eles mesmos pensar, ou que pretendem apresentar seus pensamentos – memória. Porque, “Eles são os sujeitos de minha experiência” (BLOCH, 2002, p. 70). Desse modo, sobre a questão da análise da fonte, o historiador precisa analisar a informação, olhando para o contexto, confrontando as informações fornecidas pelas fontes vivas.

A exemplo dado pelo historiador, que comparando o trabalho de um fisiologista ao dissecar uma cobaia e percebendo a lesão ou anomalia buscada, “com seus próprios olhos”,

não conhece a situação de seus ‘homens de rua’ a não ser através do panorama fornecidos por eles mesmos (BLOCH, 2002, p. 70). Assim é o trabalho do historiador, que ao explorar as informações dadas por sua fonte, observa o quadro apresentado para conhecer de fato sob que circunstâncias ocorreu aquele evento.

No caso do nosso objeto de investigação: o movimento emancipacionista de Japeri, nosso olhar está submetido à ampliação do contexto nacional brasileiro, para entender como ocorreu o evento no local. Como já mencionado, houve um momento propício e, as condições eram favoráveis, sendo assim, se faz necessário o diálogo com a micro-história, mas submetendo o estudo na ampliação do micro para chegar no macro, buscando compreender o contexto nacional, que está inserido no campo da história universal, dos grandes eventos e seus sujeitos, até chegar no nosso “pequeno contexto local”.

Nessa perspectiva, para exemplificar a relação do trabalho no enfoque da micro-história, na dimensão com a história local, Figueiredo, Reznik e Gonçalves (2000) submeteram-se a uma visão muito próxima da relação entre a escala do micro para o macro. Ao remeter-se a uma brincadeira infantil com um microscópio, na qual a criança ao observar insetos pela lente os enxerga “monstros” de tão grande, surgidos atrás das lentes. Sua análise se debruça sobre o Município de São Gonçalo-RJ, com objetivo de refletir sob a perspectiva conceitual da micro-história na dimensão da história local.

Pensar na história local, nos remetemos obrigatoriamente a uma ligação com a micro-história e seus teóricos; Carlo Guinzburg e Geovani Levi, autores que iniciaram a reflexão sobre a história particular de sujeitos, lugares pequenos, grupos específicos, instituições, associações e classes que passaram a ter relevância entre os objetos e objetivos por aqueles que buscaram valorizar o micro (FIGUEIREDO, REZNIK, GONÇALVES, 2000).

Guinzburg (2006), em sua obra “O queijo e os vermes”, enfoca a biografia de Menocchio, um moleiro do século XVI, acusado pela inquisição de cometer heresias e ter dito não acreditar no espírito santo, o autor se propôs a narrar a história daquele sujeito com objetivo de reconstrução analítica da cultura e o contexto social da cidade.

A partir desta obra, a micro-história tomou contornos legítimos e seguiu os caminhos da história social e cultural, mas com foco nas relações sociais. Além disso, a micro-história também se destaca por ser um método de pesquisa que torna o objeto visível e o explicita, especialmente, a partir da escala do microscópico, ao identificar os sistemas de contextos dos jogos sociais. Esta escala se correlaciona entre a realidade e sua imagem, propondo uma medida proporcional entre as partes do real local e da observação.

Dessa forma, escolher uma escala é selecionar o nível de informação de acordo com o nível de organização a ser estudado, pois segundo Lepetit (1988, p. 78) a apreensão do real é impossível sem a escolha de uma escala. Porque ela cria uma orientação para informar o recorte de tempo, espaço e objeto, conforme a narrativa vai sendo construída. Assim, permite que as experiências individuais, concretas, locais e particulares, ganhem relevância com relação ao geral, partindo da premissa do micro para o macro. O teor do

detalhe fazendo-se importante no entendimento das relações entre espaço, tempo e sujeito, configurando uma grande teia de relações sociais, a partir da microanálise da construção do social (LEPETIT, 1998, p. 101).

Portanto, como é considerada uma história recente, reconhecemos que a história oral e a micro-história, juntas, podem instituir uma metodologia, apta para nosso trabalho, devido a cobertura que ela proporciona. Se tratando de um tema ligado a movimentos sociais e político.

Conforme aponta Santana e Estevez (2016) a história oral como metodologia de pesquisa vem apresentando desde o seu surgimento uma forte aliada na reconstituição histórica da memória, e, em termos políticos mais ainda, principalmente para os movimentos operários e populares. “Os depoimentos e testemunhos ocupam lugar de destaque entre as possibilidades de construção e reconstrução de memória e identidades sociais” (SANTANA e ESTEVEZ, 2016, p. 95). No entanto, mesmo dentro desta perspectiva de priorizar o testemunho oral em nossa pesquisa, não descartamos, obviamente, o apoio da fonte documental, pois vislumbramos que no decorrer das entrevistas que nossa fonte sinalize esses documentos, que foram produzidos durante o evento.

Como salienta Thompson (1992), espera-se, que as entrevistas sejam uma forma de proporcionar o encontro de documentos escritos que, até então, conjecturamos possam estar “guardados” com algum sujeito comum, que de outra maneira não teria sido localizado. Também nos valem do entrecruzamento dos já existentes em mãos como: jornais, arquivos documentais oficiais produzidos no momento do evento.

Almeida (2016) também aborda esse método, ao buscar “negociar” o acesso do material produzido durante as mobilizações sociais. Uma vasta documentação, organizada em catálogos ou avulsas, além do acervo dos entrevistados como: reportagens publicadas na imprensa, atas de reuniões, registros oficiais, fotografias, relatórios, projetos, planos, mapas, panfletos, cartazes, programas, manifestos, cartas e outros. Projetamos levantar essa tipologia de fonte em nossa investigação.

A pesquisadora observou que os estímulos documentais promoveram narrativas, utilizando referências a objetos biográficos, nos quais ela explica que “foram projetadas experiências de vida, a partir do contato com esses objetos para construção biográfica do mundo material” (ALMEIDA, 2016, p. 48-49).

Santiago (2016) tem a concepção sobre uma forma de história como área de estudo em quatro engajamentos essenciais, que estão entrecruzados: (1) a história feita para o público com o propósito de divulgação ampla, (2) história feita com o público, a exemplo do trabalho de Almeida (2016, 49) – mencionado acima, feita com a colaboração do público, onde predomina o compartilhamento do “senhor” da história, a sua história- revelada e divulgada por si; (3) a história feita pelo público, relativo ao modo de fazer, desligado das tradicionais instituições, é a metodologia instituída e incorporada mediante o ato da investigação, diante do “celeiro” de informações. (4) A história e público – refere-se a análise

do campo de estudo, esse tipo revela as diferentes predominâncias e exclusividades dentro do campo de investigação (SANTIAGO, 2016, 28).

A partir do apoio dessa bibliografia, associamos nosso projeto de pesquisa a essa tipologia de história, pois o diálogo se dá por meio do contato com sujeitos emergidos do movimento social, na prática da entrevista. Sendo assim, percebemos que a proposta esbarra na história pública, na qual pretendemos nos debruçar, através da memória, a participação nesses quatro engajamentos de trabalho.

Nosso objeto de pesquisa é o processo de emancipação de Japeri, iniciado em 1989 e consolidado nas eleições municipais em 1993. Nossa fonte, a priori, se baseia na oralidade, em segundo, pretende-se o confronto com a documentação: imprensa, panfletos, imagens, áudio de comícios e/ou vídeos - campanha pró-emancipação e outros que possam surgir no desenvolvimento do trabalho. Em terceiro plano utilizaremos fontes bibliográficas, já produzidas sobre o processo de emancipação ocorrido na Baixada Fluminense em outros então distritos, existem algumas produções nesse sentido.

Conforme Montenegro (1994), o objeto histórico quando definido por “meio da problemática epistemológica” se volta a própria tarefa da história oral, focada no processo de rememoração. Nesse sentido, o elemento da narrativa e sua forma se torna reveladora ao encontrar o elemento que determina a fonte documental “que se está construindo” (MONTENEGRO, 1994, p. 21). Para o autor, a autobiografia, narrativa ou o testemunho individual estão sempre presentes em tela como variante do trabalho de história oral. “Quanto às fontes são intrinsecamente diferentes das fontes escritas, mas são do mesmo modo úteis” (VILANOVA, 1994, p. 45).

Nesse sentido, o papel do testemunho oral se faz presente, pela possibilidade de apreender as vivências diretas ou indiretas dos personagens, que irão informar, bem como perceber os valores tradições e possíveis em torno do tema estudado. Sendo assim, Vilanova (1994) em uma de suas apresentações de palestras, falava sobre a legitimidade da história oral, por conseguinte a fonte oral, e, advertia que a história sem fonte oral era uma história incompleta, a fonte oral mensurava ser viva e inacabada, que nunca exaurida, a história bem feita se define como uma história inacabada.

Mas o que é que história oral? Alguns autores nos explicam: Meihy (2000, p. 25), define como “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”.

De acordo com Queiroz (1988, p. 19) história oral se constitui no termo,

[...] amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outros tipos de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos de mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo (QUEIROZ, 1988, p. 19).

A partir da coleta “memorial” de dados, pode-se estabelecer uma mediação que é permitida através da história oral, que, portanto, nos leva ao encontro do conceito teórico principal da pesquisa. Que é característica fundamental do debate, bem como se confirma ter a história oral e ser o elo entre a teoria e a prática. A partir das lembranças que surgirão das entrevistas também aparecerão questões relacionadas aos acontecimentos, que pode vir acompanhadas de ressalvas ou omissões, mas que deve ser analisada pelo pesquisador a luz das teorias, desse modo, lhe servindo de fundamentação.

Nesse sentido, a teoria possibilita fazer a comparação entre a interpretação do pesquisador-historiador e o acontecimento em si, e, do que é feito pelo ator envolvido no processo histórico. Por conseguinte, a tarefa histórica se baseia na coleta e hermenêutica da sua fonte, de forma a problematizar o acontecimento a sua luz, dimensionado pela teoria conceitual. Assim, não se reduz apenas ao manuseio da documentação, no caso da história oral – apenas a coleta da entrevista-narrativa.

Montenegro (1994) defende que a operacionalização da história ocorre sempre com o que está dito e com o que está exposto “para e pela sociedade”, em algum momento e, em algum lugar. O historiador, a partir desses elementos, constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico, “este fato evidente se apresenta bastante distinto do que foi vivido; no entanto, ele se ancora nos elementos resgatados da realidade, em outras histórias” (MONTENEGRO, 1994, p. 19). Nesse sentido, o testemunho serve de prova documental, é fonte e, é o meio de se fazer a busca desses elementos que será operacionalizado pelo processo historiográfico. Neste caso, “o testemunho é originalmente oral; ele é escutado, ouvido”(RICCEUR, 2007), com finalidade de produção de arquivo.

Assim, conforme explica Meihy,

Documentação oral é mais que história oral, é todo e qualquer recursos que guarda vestígios de manifestação de oralidade. Entrevista esporádica, gravação de música, registros sonoros de ruídos, absolutamente tudo o que é gravado e preservado se constitui em documento oral (MEIHY, 2000, p. 12).

Documentação oral é registro memorial produzido das lembranças dos acontecimentos, presenciados e/ou vivenciados. Nesse sentido, tal registro serve à produção do conhecimento, considerando o seu valor para a historiografia. Ainda que seja fragmentado, pois refletindo a partir da perspectiva de que o detentor da fonte, na sua lembrança, adote a memória seletiva como forma de sua narrativa para descrever aquilo que lhe convém. Dessa forma, também há, em muitos casos, fontes documentais que o historiador encontra fragmentado por lacunas, que muitas vezes precisa preencher. Nesse sentido pode ser considerada a oralidade expressão das lembranças e esquecimentos que se constitui uma fonte histórica importante.

Sobre as testemunhas, Bloch (2002) expõe sobre o primeiro trabalho feito com testemunhas, ao mencionar Heródoto de Túrio – o pai da História, que considerou a

testemunha como primeiro ato da escrita da história, ao expor sua pesquisa para que “as coisas feitas” pelos homens não fossem esquecidas com o tempo.

De acordo com Bloch (2002) quando aceitamos registrar as palavras de nossas testemunhas é pertinente que se formule um questionário, sendo dessa forma uma prioridade e necessária para uma boa condução de uma pesquisa histórica. Considerando nessa premissa a construção do passado através de relatos testemunhais, mas não deixando de lado as fontes documentais.

O trabalho de coleta de informação com testemunhos orais deve receber do pesquisador-historiador o aceite para registrar as suas palavras, pois deles tendem a fala e o lugar de onde vem, de forma livre, sobre os acontecimentos guardados em sua memória.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história oral como metodologia e suporte para fazer uma história pública foi expressa neste artigo, na tentativa de fazer conhecidos, eventos e atores que estão às margens da Grande História – “história vista de cima”. Neste sentido, foi uma discussão sucinta, verticalizada, entre as dimensões, a teoria e os campos da história, assim, colocamos no centro da discussão o testemunho oral, que se faz presente, pela possibilidade de apreender as vivências diretas ou indiretas dos personagens que irão informar, bem como perceber os valores, tradições possíveis em torno do tema estudado.

Pensando também sobre a História local, nos remetemos, de forma breve, ao contexto do movimento pró-emancipação do município de Japeri, como objeto da pesquisa em andamento, ainda em processo inicial, com a finalidade de refletir sobre o lugar, na História, desse evento, que se traduz pequeno diante da amplitude e a dimensão que possui o Brasil. Nesse contexto, mesclarmos o arcabouço da história oral com a micro-história, pois acreditamos que ambas contemplam a reconstrução da historicidade dos pequenos eventos.

Entendendo que, dessa forma, a História oral, além de servir na produção de conhecimento, gera documentação, extraída da fonte; a memória, mesmo que seja fragmentada. Considerando a verificação de que há fonte documental que muitas vezes o historiador encontra pedaços e com lacunas, podemos assim compreender que, embora a oralidade se expresse com lembranças e esquecimentos, se constitui uma fonte histórica, por vários embasamentos, até então aqui já explicitados.

Abordamos também sobre a transversalidade da história pública com a história oral, ambas se entrecruzam no ponto central da pesquisa historiográfica, quando põe o sujeito a narrar oralmente acerca do evento. Sendo assim, a metodologia produz o conhecimento e faz público através dos sujeitos da história ao mesmo tempo.

Com isso, objetivamos nesse artigo dimensionar a importância da história pública, dando oportunidade de destacar parte introdutória do processo de emancipação de Japeri, objeto este que contempla história, sujeitos e processos que estão às margens da História.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. **Práticas de História Pública: o movimento social e o trabalho de História oral.** In: MAUAD, M.; ALMEIDA, J. R.; SANTIAGO, R. (org.) *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários.* São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 47-53.

BARROS, J. D. A. **Os campos da História: uma introdução as especialidades da História.** HISTEDBR on-line, Campinas, n. 16, p. 17-35, dez 2004.

BLOCH, M. **Apologia da História, ou ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

RICCEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François. Campinas -SP: Unicamp, 2007.

FIGUEIREDO, H.; REZNIK, L.; GONÇALVES, M. A. **Entre moscas e monstros, refletindo sobre história local.** disponível em: http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/hp_hsg_lista_artigos.htm>. Acessado em: 01 de jul. 2019.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LEPETIT, Bernad. **Sobre a escala na história.** In: **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Jacques Revel (org), Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.77-102

LIDDINGTON, J. **O que é História Pública.** In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (Org.) *Introdução à História Pública.* São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52.

SANTIAGO, R. **Dois palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil.** In: ALMEIDA, J. R.; MAUAD, A. M.; SANTIAGO, R. *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários.* São Paulo: Letras e Voz, 2016. p. 23-35.

TOMIO, R. D. L. **Instituições, processos decisórios e relações Executivo-Legislativo nos Estados: estudo comparativo sobre o processo de criação de Municípios após a Constituição de 1988.** Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 308. 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 Atena
Editora

Ano 2020